

## **O mal estar na cultura contemporânea e a reivindicação do sujeito ao direito de inventar o seu tempo**

Daniel Zucolo Guterres\*

Marcos Pippi de Medeiros\*\*

*Resumo:* Este artigo tece considerações sobre a cultura contemporânea causadora de mal estar no indivíduo e na massa. Captura o cerne da modernidade que faz da aceleração advinda da lógica capitalista a mais evidente forma do principal movimento de massa, a unificação. Para tanto, se apóia, principalmente, em obras de Nietzsche, Freud, Lacan, Bauman, Kehl.

*Palavras-Chave:* cultura, mal estar, contemporaneidade, massa

*Resumen:* En este artículo se reflexiona sobre la cultura contemporánea que causa malestar en el individuo y la masa. Captura la esencia de la modernidad que hace que la aceleración resultante de la lógica del capitalismo más evidente a medida que el movimiento de masas importante, la unificación. Para ello, se basa principalmente en las obras de Nietzsche, Freud, Lacan, Bauman, Kehl.

*Keywords:* la cultura, malestar general, de masas contemporánea

Daniel Zucolo Guterres é formando em Psicologia pelo Centro Universitário Franciscano  
Marcos Pippi de Medeiros é psicólogo, mestre em Psicologia pela PUCSP, e professor no curso de Psicologia do Centro Universitário Franciscano. Orientador deste artigo.

**O mal estar na cultura contemporânea e a reivindicação do sujeito ao direito de inventar o seu tempo.**

*“Hoje em dia sabemos o preço de tudo e o valor de nada.”*

*Oscar Wilde*

## Introdução

Este ensaio tece considerações sobre a cultura contemporânea causadora de mal estar no indivíduo e na massa. Captura o cerne da modernidade que faz da aceleração advinda da lógica capitalista a mais evidente forma do principal movimento de massa, a unificação.

O capitalismo sempre se opõe ao que pode oferecer crítica a ele, está sempre se remediando, rebocando seus buracos que vazam suas falhas, oferecendo ao sujeito o anunciado, melhor produto, e, caso não haja condições do desfrute desta qualidade toda, sempre há um substituto similar, porém não o mesmo, que esteja ao alcance do seu pagamento. Ele propõe o alívio imediato do desejo de gozar, em uma glotonaria que não abre tempo para contestação, empanturrando, bombardeando com um vasto cardápio de produtos prontos ou “personalizados”.

É a partir daí que construir um lugar de diferença, singularidade na atualidade se torna cada vez mais limitante, porque se o sujeito não anda conforme a massa, ele paga caro pela sua exclusão. As regras da inclusão/exclusão são simples, ou se adapta e aceita a porção de individualidade que pode ter, ou é excluído já que a massa oprime a minoria. O crachá da inclusão está na estética, nas qualidades do que o indivíduo apresenta, ou melhor, carrega. Portanto, o sujeito desfavorecido financeiramente está fadado ao consumismo de baixa qualidade, ou seja, inferior, e já que tudo gira em torno do que você pode comprar, este sujeito está automaticamente excluído dos demais.

Para se incluir, o sujeito paga: com seu dinheiro, com seu trabalho, com seu tempo, com sua obediência, com seu conformismo com as regras, do qual você pode reclamar e regularmente o faz, mas não se dá o trabalho de se opor; já que demanda muito incômodo e o sujeito tem a promessa “incontestável” de poder gozar, basta pagar. A problemática é que consumir virou um tipo de solução geral, o indivíduo não precisa sentir e pensar sobre isso se tão rapidamente algo pode ser tamponado, entra nesse processo o consumo de álcool, drogas, antidepressivos, ansiolíticos, absolutamente tudo que servir para não sentir angústia, tristeza ou falta.

Qualquer ameaça ao gozo é vista como anomalia, patologia e deve ser eliminada, tratada como imperfeição. Vale lembrar que Lacan(1959) em seu seminário sobre o desejo e sua interpretação, diz que toda a ideia de perfeição tem uma estrutura de ficção. Através de novos modos operantes o sujeito contemporâneo, na condição de alienado, vem deixando de ser sujeito para tornar-se exclusivamente indivíduo.

## **1. Sobre a Massa**

Quando se fala de cultura, fala-se de massa, independente da sua dimensão, que chamaremos aqui também de volume. A massa funciona como um fluxo, que aglutina o que for de sua matéria de origem, tornando-se assim mais volumosa. Para Freud (1920-1923) a identificação é uma forma de ligação que produz massa, uma vez que um indivíduo identifica-se a outro por razões de espécie, pressupondo que ali há alguma similaridade. O autor classifica a identificação como a forma mais primordial de ligação afetiva com o outro. Ela une a massa, mantém sua consistência e também faz parte da reformulação do seu fluxo.

A massa segue um fluxo na velocidade das culturas e das transformações que estas sofrem. A cultura normalmente é regida por uma série de ideias que determinam inclusão e/ou exclusão. Nesta última normalmente se dá a não obediência (diferente de “desobediência” que presume violação) de certas regras que põem em risco a ordem estabelecida mantida por sistemas disciplinares, que para Foucault (1977) funciona por meio de uma organização penal de violação de conduta conforme a cultura.

Sendo assim, os sistemas disciplinares de uma cultura nem sempre determinam exclusão seja o sujeito violador de determinada regra, preso, morto ou “reabilitado”. Apenas determina que a massa tenha poder sobre a vida de um sujeito sozinho. Arendt (1987) afirma que a única alternativa na condição humana quanto ao poder não é a resistência, mas somente a força que se pode exercer sobre seu semelhante, e que a principal característica sobre a tirania é seu isolamento. Para Freud (2010) a convivência só se torna possível quando se mantêm unida uma maioria para ser forte e se opor a força de cada indivíduo. É o que o autor vem a chamar como passo cultural decisivo, a substituição do poder de um indivíduo pelo poder da comunidade. O autor diz ainda que as exigências ideais, as quais dão ao indivíduo um lugar social, são particularmente difíceis de livrar e realmente absorver o que é cultural.

A inclusão na massa se faz mediante um pagamento com a existência do sujeito com a cultura. Vive-se conforme com o que ela determina, e normalmente não é opcional, o que põe o “incluso” no lugar de alienado. Este paga sua inclusão com sua existência, sem atribuir valores próprios uma vez que está na condição de alienado, ou seja, os valores são culturalmente atribuídos e é necessário produzir na cultura/ sociedade para ter valor.

Russel (2010) propõe a definição de sociedade como um grupo de pessoas que coopera para certos propósitos comuns, entretanto, na medida em que a sociedade cresce, os propósitos comuns viram regra para as gerações seguintes. Logo, o sujeito inserido num contexto do qual não participou opinando sobre a criação deste, pode-se dizer que ele realmente “caiu de pára-quedas”, brotou, surgiu ali, e precisa lidar com isso.

Freud (2011) diz quanto ao medo do indivíduo estar na ameaça ou no rompimento dos laços afetivos, investimentos libidinais, a razão da angústia neurótica. Sendo assim, o pânico advém desta intensificação do risco que causa a todos, ou a interrupção dos laços afetivos que mantêm a massa coesa.

Tendo estes riscos para o enlaçamento do sujeito, Corso (2000) discorre que petrificados por uma idéia tradicional, riscamos das possibilidades uma opção de não-participação nas formas como as trocas estão postas, ocupando o lugar do estranho, do absurdo, que não deve ser confundido com a exclusão. O excluído está fora do fluxo da massa. A exclusão tem sua incipiência e seu custo: a alienação da massa, e não há como conhecê-la sem ser carregado pelo fluxo. Ou seja, atravessá-lo como em linha reta uma vez que este tem um movimento, uma velocidade que conduz a algum lugar. E mediante ao volume e pressão desta massa, este sujeito excluído será empurrado para este lugar até ser expelido do fluxo se não for aglutinado pela massa, ou seja, alienado e perder-se de um caminho de volta.

Obviamente há fenômenos de massa do tipo contra fluxo, basicamente uma resistência de um ou de alguns que se opõem à condução do fluxo, mas mediante a pressão e volume da massa, sua resistência acaba por se consistir na ocupação de um lugar oprimido uma vez que seu movimento é de oposição e não de invenção. Freud (2011) coloca que é claramente perigoso opor-se à massa, e que é comum sentir segurança aliando-se à maioria ainda que consista arcar com as consequências que essa aliança pode acarretar. O contra fluxo, dependendo do seu volume e potência, gera um aumento localizado da pressão da massa, podendo haver uma paralisação. Usando um termo adequado, seria um “empoçamento”, a

inércia, uma forma de morte. Uma guerra é um exemplo claro. A destruição que ela promove pode resultar na absoluta ausência de fluxo, um empoçamento, que vem a funcionar conforme a necessidade. Faz onda e não fluxo, não escorre para lugar algum, não cria, só oscila. É, por exemplo, o pós-guerra, a emergência das necessidades primais como sequela de uma pressão existida, caos civilizatório. Não é difícil isso tudo acontecer, contra fluxos ocorrem o tempo todo. São aqueles movimentos que precisam confrontar um fluxo maior para terem sentido, como algumas formas de religião, filosofia, política, tradição ou idéia.

Freud (2011) disserta sobre a tese da inibição coletiva da inteligência na massa, entendendo que a massa é como um selvagem passional ou uma criança mal criada onde as inteligências menores subjagam as maiores. Segundo ele, a massa é impulsiva, mas extremamente sugestionável, portanto, domesticável bem como um animal.

Entretanto, do mesmo modo que há o conflito do contra fluxo, o caos do empoçamento e a pressão da massa, também há o alívio desta, e como estamos falando de fluxo chamaremos estas últimas aqui de ramificações. Estas consistem na ruptura das margens, no furo, do fluxo da massa criando um escoamento e, portanto, o alívio da pressão. Uma força de invenção que gera esse rompimento que, por óbvio, trata-se do Desejo. Todavia, ramificação não é uma exclusão, uma vez que ela está diretamente conectada com a massa, dentro e fora como na fita de Möbius, fazendo acesso a um trânsito e, mediante as circunstâncias, gera-se maior ou menor possibilidade de uma intersecção ampliando os caminhos e os retornos.

As ramificações são as formas de invenção advindas de um desejo. O rompimento da margem naturalmente causa uma violência ao fluxo e a sua uniformidade, porém, diria Kehl (2007) o sujeito que não negocia com a vida petrifica-se, aquele que se mantém íntegro à tradição, à moral da cultura, que não “avança”, solidifica e, portanto, comprime o fluxo.

Quando se trata de massa cabe muito bem a conhecida teoria de sistemas complexos e dinâmicos estudada na física e na matemática. A Teoria do Caos que tem por finalidade a análise de resultados instáveis no que diz respeito à evolução temporal como função de seus parâmetros e variáveis, e que tem como uma de suas bases o chamado Efeito Borboleta analisado por Edward Lorenz em 1963 pela primeira vez, e que propunha que o simples bater de asas de uma borboleta pode mudar o curso natural das coisas e, talvez assim, provocar um tufão do outro lado do mundo.

Um sujeito reivindicador de uma forma de liberdade pode causar a outros, tanto identificação quanto estranhamento ou desgosto. Freud (2010) afirma que a liberdade individual não é um bem cultural, e que aquilo que em uma comunidade se agita como ímpeto libertário pode dizer de uma revolta contra uma forma de injustiça, uma hostilidade contra a cultura, pode ser um indicador de opressões. Porém, o autor alerta que a sociedade, a cultura, obrigou-se a aceitar em silêncio muitas transgressões que, de acordo com suas normativas, deveriam ter sido perseguidas. Mas seria ingenuidade crer que semelhante atividade cultural seja inofensiva por não realizar todos seus objetivos. Assim sendo, o psicanalista fala que boa parte da luta da humanidade está centrada no encontro de um equilíbrio conveniente entre as exigências individuais e as reivindicações culturais da massa, e que este equilíbrio vem a ser uma problemática crucial se para ser alcançado ele dependa de uma conformação da cultura, ou se tal conflito é irreconciliável.

## **2. A Cultura Contemporânea**

Imersos numa sociedade capitalista, nossa liberdade é comprável: quanto mais se tem mais se pode fazer, claro que com o que é oferecido. Nietzsche (2010) diz sobre seu conceito de liberdade quanto ao valor de algo residente, às vezes não no que é ganho por obtê-lo, mas no que se paga para adquiri-lo. Bauman (2007) alerta que em uma sociedade de consumidores não há possibilidade de tornar-se sujeito sem antes tornar-se produto, mantendo sempre indefesa sua subjetividade de estar associado a algo vendível.

Sendo assim, o indivíduo é produto, e deve se aprimorar cada vez mais para se valorizar, atualizar, não cair em desuso, no esquecimento, na exclusão. Se o indivíduo para de “crescer”, e isso quase totalmente, no âmbito econômico, está limitada sua capacidade de gozar.

Abraham (2000) coloca que a exposição do dinheiro é vulgar, e pela lógica acaba por vulgarizar o sujeito. Mas a propaganda não cessa de seduzir e ditar o que é qualidade, o que é melhor, e, portanto se ele não pode adequar-se ao que é dito como melhor, maior suas chances de se deprimir. Porque a propaganda se trata de sedução, não tem nenhuma responsabilidade com a repercussão do seu impacto, só aponta vulgarmente que se indivíduo quer é porque ainda não tem.

Bauman (2009) coloca que a sociedade do consumo compromete-se em satisfazer os desejos humanos como nunca antes, porém, a promessa da satisfação só se faz sedutora enquanto o desejo está irrealizado. É a falta de satisfação plena que alimenta o consumidor. Sempre lhe é apresentado um objeto melhor, aprimorado, mais novo, mais potente, que satisfaz mais.

Sudbrac (2000) cita quanto ao discurso da ciência e sua proposta de universalização, um discurso de igualdade que busca abolir toda e qualquer diferença, incluindo a sexual, não suportando que o outro não seja seu igual, acusando-lhe de seu modo particular de gozar. O capitalismo discursa parecido e, de certo modo e a certo preço, consegue que todos gozem de modo igual consumindo e preenchendo vazios subjetivos através do que o mercado oferece. E se aquela frase que ficou popular “você é o que você consome” tem sentido, então, na atualidade, os que já estavam fadados à exclusão por não consumir, não existem, lembrando que o objeto oferecido tem um prazo de validade e quando vencer já não servirá, precisando de um substituto ou o indivíduo ficará desfalcado.

Para Bauman (2001) a atualidade está deliberadamente repleta de coisas instáveis que são matérias-primas das identidades, portanto, é preciso dar conta de manter uma flexibilidade e velocidade de reajuste em relação às frequentes transformações do mundo. O autor aprofunda-se discorrendo sobre esta supervalorização do consumo, do trabalho e do aperfeiçoamento profissional como uma tentativa de atingir algum espaço que se possa inscrever sua singularidade, seja encontrando reconhecimento, garantindo uma estabilidade econômica ou alcançando algum objetivo pessoal; e cada vez menos se faz algo com o tempo que não isto. Naturalmente, as relações se liquefazem e as pessoas se tornam mais e mais individualistas, principalmente nas grandes cidades.

Kehl (2007) afirma que na sociedade moderna o sujeito sob um ideal individualista, funda uma ideologia fadada ao fracasso uma vez que o sujeito não pode ser indivíduo e indivisível ao mesmo tempo. Eis a cultura do narcisismo onde todos podem ser especiais, melhores que os outros e, quando fracassa, para que não olhe o seu reflexo, a culpa é do outro, porque não teve oportunidade de mostrar seu brilho, ou foi trapaceado. Para a psicanalista, o ressentimento é uma característica da modernidade.

Diante dessa realidade da sociedade narcísica, entende-se que na corrida pelo 1º lugar no pódio, frente à lógica do consumo que faz do sujeito produto, é preciso ser o melhor objeto, que compete com o outro, colocando-se num lugar de “envitrinado”. Ora, o sujeito exposto, sujeito a avaliação e comparação não é nenhuma novidade, porém a forma com a qual este envitrinamento ganhou proporções em razão do ideal capitalista, da sociedade narcísica, minimamente chama atenção.

A objetualização do sujeito de longe também não é novidade, cabe muito bem aqui falar de um fato histórico quanto à ocupação europeia sobre a patagônia argentina. Em meados do século XIX a exploração ao sul do país era recebida com hostilidade pelos indígenas Aonikenk. Tratados com a mesma moeda, a tribo diminuía. Em meio à construção de estradas e ferrovias o número de imigrantes crescia na região e como um meio de atração, alguns membros da tribo Aonikenk eram vestidos com roupas “adequadas” à moral cristã e aprisionados em uma espécie de garrafa. Supunha-se que assim poderia ser evitado o contato com as doenças. Envitrinados eram expostos pelas cidades e assistidos como curiosidades pelos novos ocupadores, trazendo lucro a cidade e a atenção de investidores. Estes indígenas morreram por inanição e asfixia. O único que conseguira escapar voltou para buscar seus semelhantes e foi recolocado a sua cela de vidro, e como os outros, faleceu. Costa (2000) diz da crueldade como ato ou desejo de fazer sofrer física ou moralmente. Trata-se de uma conduta abominável, conforme o grau do insulto, porém, para que ela seja aceitável, basta que se desumanize o outro, e para isso o conceito de desigual, de diferença, é o recurso/pretexto que autoriza o endereçamento da violência e absolve da percepção do horror por ela concebida. A história sobre os Aonikenk vem dizer de uma domesticação do humano, do envitrinamento voluntário através do sujeito que se faz produto, o gozo narcísico de ser visto, assistido e, por vezes, ter sua intimidade violada por quem assiste ou por si mesmo para cativar o olhar do outro. Essa agressão consigo tem sua dor ignorada, visando o objetivo de ser visto. “*Sociedade de consumo, dizem por aí. Material humano, como se anunciou um tempo – sob os aplausos de alguns que ali viram ternura*”. (Lacan, [1969-70 (1992)], p.33.).

Nietzsche (2009) fala da domesticação do sujeito, da agressividade como algo ruim, concepção herdada da cultura judaico/cristã que diz da passividade, diz da inibição da agressividade como algo desvantajoso e do conceito de humildade judaico/cristão como algo humilhante. Para Freud (2010) a inclinação agressiva do

humano é uma disposição do impulso original, vindo a ser para cultura possivelmente seu maior empecilho. Sendo a herança onde a moral oprime o “homem forte” de Nietzsche, predomina que monte a cultura contemporânea a pouca oposição contra algo tão bem consolidado como o capitalismo, muito menos na sociedade narcísica citada por Kehl (2007) que diz do ressentido como aquele que fantasia a vingança, mas não vinga, tendo assim o ressentimento principal combustível do envitramento. Através de excessivos aperfeiçoamentos profissionais, o sujeito se mostra um bom produto, porém é preciso ser mais do que bom para ir adiante. É como Lewis Carroll (2009) conta na fábula de Alice, que é preciso ser rápido para estar no mesmo lugar e duas vezes mais rápido para estar em algum outro.

O envitrinado tem dispositivos de exposição que permite que ele monte sua vitrine estrategicamente selecionando o que acha mais sedutor, redes sociais com o argumento da melhoria da comunicação e da socialização. As redes sociais quando vem, principalmente, para dar conta de saciar a curiosidade do sujeito com o outro, criar um espaço para projetar seu narcisismo e continuar produzindo pelo tempo exigido na atual lógica capitalista. Porém, o sujeito envitrinado está barrado por uma vidraça. Eis o que barra o gozo do outro sobre ele e, logo, o mantém como objeto de desejo uma vez que faz falta, exatamente como os produtos ofertados no mercado. Eis aí o individualismo fracassado, o narcisismo sobrevivente do ressentido envitrinado gerador do desencontro consigo pelo modo como se coloca, fazendo massa nas prateleiras das redes sociais, quando realmente se trata de um encontro consigo. Se ele puder se ver do lado oposto da vitrine. Para Lacan (1957-1958) o sintoma apresenta-se como uma máscara, de modo paradoxal, pondo em cheque na atualidade a questão da identidade que, segundo Bauman (2005), vem a ser o cerne da atenção do indivíduo moderno posta no topo do debate existencial como talvez a mais comum e perturbadora questão da atualidade.

Em meio a um incessante bombardeio publicitário enunciando à massa as formas de satisfação pela via capitalista, o sujeito tem sua identidade cada vez mais à mercê de onde vem a voz mais presente, a mídia. Numa atualidade em que a velocidade conquistou o espaço, nas palavras de Arendt (1987), eliminou-se a importância das distâncias. O mundo é globalizado, o capitalismo busca universalização bem como a ciência, e a massa cada vez maior e alienada não escapa do ciclo vicioso, como a famosa colação de George Orwell no livro 1984: "A massa mantém a marca, a marca mantém a mídia e a mídia controla a massa" (1986,p).

A identidade do sujeito moderno está mais do que nunca combinada ao controle não óbvio que a cultura exerce, pois aquele que se faz facilmente visto recebe oposições e serve de bode expiatório, e mantém a união da massa inclusive.

Poli (2005) diz da exteriorização e da alienação dentro das considerações marxistas, como uma perda reflexiva de si ao Outro e de uma saída resolutiva da submissão ao Outro. A autora ainda coloca que a palavra “alienação” nas obras psicanalíticas é normalmente utilizada para designar a posição do sujeito no registro do imaginário. Porém, a autora cita que Lacan coloca a alienação como o imaginário enquanto tal. Para ele, o “eu” (*moi*) é inúmeras vezes evocado como um lugar de engodo, da ilusão, dissimulando a relação do sujeito à verdade, ao desejo. O autor ressalta que o “sujeito alienado” é o efeito da relação a outrem, progressivamente: espelho (como o eu ideal), semelhante (como o outro) e cultura (como o grande Outro).

### **3.(In) conclusões**

Estando, portanto o sujeito moderno, alienado nos moldes de Ser contemporâneos, ditados, instruídos, empregados, controlados pela dominante lógica que faz a maior massa da atualidade. Sousa (2007) afirma que o controle silencia a invenção, havendo então um desafio para os conflitos existências do sujeito contemporâneo. Vale salientar que as saídas e escapadas da cultura moderna tem seu encontro com o fracasso, nas palavras de Barthes (1981): soluções enganosas de alívio passageiro, apesar de seu caráter catastrófico; trata-se de manipulações fantasiosas das possíveis saídas da crise com o laço social. Portanto, a exclusão não é caminho para a invenção, é uma solução fracassada, mas que sua experiência pode ou não facilitar um olhar de fora.

Os desafios da invenção, então, demandam uma dolorosa experiência similar do nascimento que remove o indivíduo do lugar confortável da alienação, mas que se faz inevitável uma vez que o indivíduo já não cabia mais lá. Nietzsche (2006) radicalmente se coloca contra a alienação, salientando que opiniões públicas são preguiças privadas, e que normalmente a opinião agradável, razoável, é aceita como verdade.

Fora da condição de alienado o sujeito começa a partir do rompimento com o fluxo central sua incipiência de ramificação que carece esforço e um desbravamento do desconhecido, para inventar-se e retomar o direito ao seu tempo. Nietzsche (2007) pontua colocando que virtudes de um novo tempo não carecem serem sombras das virtudes dos antepassados como se fossem detentores supremos do conhecimento, e alerta que as convicções são inimigas das verdades mais perigosas do que as mentiras. A inquietação deste autor expõe pela sua obra o recurso que criou para ramificar-se do fluxo, mas que o sujeito contemporâneo reivindicador do seu tempo não esteja só, como ele esteve, e que não tenha o mesmo fim.

É com dois trechos do poema “No caminho com Maiakóvski” de Eduardo Alves da Costa que se faz lembrar a importância da retomada do seu tempo:

“Na primeira noite eles se aproximam e roubam uma flor do nosso jardim. E não dizemos nada. Na segunda noite, já não se escondem: pisam as flores, matam nosso cão, e não dizemos nada. Até que um dia, o mais frágil deles entra sozinho em nossa casa, rouba-nos a luz, e, conhecendo nosso medo, arranca-nos a voz da garganta. E já não podemos dizer nada" (...)

“E por temor me calo. Por temor aceito a minha condição de falso democrata, e rotulo meus gestos com a palavra liberdade, procurando, num sorriso, esconder minha dor,(...) mas dentro de mim com a potência de um milhão de vozes o coração grita – MENTIRA!”  
(COSTA, E. A., s/d. )

E é no compromisso com a utopia que Sousa (2007) nos coloca, na perspectiva de uma permanente invenção, que se faz também possível relembrar Bertold Brecht:

“Desconfia do mais trivial, na aparência singelo. E examinai sobretudo, o que parece habitual. Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de hábito como coisa natural, pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada, nada deve parecer natural,

nada deve parecer impossível de mudar.” (BRECHT, B. 1986)

Então diante das circunstâncias em que o sujeito que nasce, surge na cultura que herda, a qual o apropria antes dele se apropriar dela, sendo convocado a preencher lugares que ali estão postos para serem ocupados por um alguém, não quem, logo se submete sob a ameaça da perda do laço social. Este sujeito tem o desafio de inscrever sua singularidade na massa, marcar com sua identidade a cultura, ainda que por vezes signifique feri-la, e reivindicar o direito a sua invenção e ao seu tempo. Boa sorte aos inconformados novos inventores.

#### 4. Referências bibliográficas

ABRAHAM, Thomas. **Estética da existência e pós-capitalismo**. In: JERUSALINSKY, Alfredo. *O valor simbólico do trabalho: e o sujeito contemporâneo*. Porto Alegre. Artes e ofícios. 2000.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de janeiro. Forense-universitária. 1987.

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de janeiro. Livraria Francisco Alves editores S.A. 1981.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de janeiro. Zahar. 2001.

\_\_\_\_\_. *Vida para o consumo*. Rio de janeiro. Zahar. 2007.

\_\_\_\_\_. *Vida líquida*. Rio de janeiro. Zahar. 2009.

\_\_\_\_\_. *Identidade*. Rio de janeiro. Zahar. 2005.

CORSO, Mario. **Andarilhos, mendigos e loucos.** In: JERUSALINSKY, Alfredo. *O valor simbólico do trabalho: e o sujeito contemporâneo.* Porto Alegre. Artes e ofícios. 2000.

COSTA, Eduardo Alves. *No caminho, com Maiakóvski.* Disponível in [<http://www.culturabrasil.pro.br/caminhocomaiakovski.htm>]. Acessado em 09/06/2012.

COSTA, Jurandir, F. *A ética e o espelho da cultura.* Rio de Janeiro. Rocco. 2000.

CARROLL, Lewis. *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas.* [S.l.]: Relógio d'Água, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história das violências nas prisões.* Petrópolis. Vozes. 1977.

FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão.* Porto Alegre. L&PM Editores. 2010.

\_\_\_\_\_. *O mal estar na cultura.* Porto Alegre. L&PM Editores. 2010.

\_\_\_\_\_. *Psicologia das massas, análise do eu e outros trabalhos.* São Paulo. Companhia das Letras. 2011.

KHEL, Maria Rita. *Ressentimento.* São Paulo. Casa do Psicólogo. 2007.

LACAN, Jacques. *O Seminário: livro 5: as formações do inconsciente.* Rio de Janeiro. Zahar. 1999.

\_\_\_\_\_. *Seminário 17: O avesso da psicanálise [1969-70].* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

NIETZSCHE, F. *Humano, demasiado humano.* São Paulo. Escala. 2006.

\_\_\_\_\_. *Aurora.* São Paulo. Escala. 2007.

\_\_\_\_\_. *Crepúsculo dos ídolos.* São Paulo. Escala. 2006.

\_\_\_\_\_. *A Genealogia da moral.* São Paulo. Escala. 2009.

ORWELL, George. *1984.* 7 ed. São Paulo: Companhia das Letras. 1986.

POLI. *Clínica da Exclusão.* São Paulo. Casa do Psicólogo. 2005.

RUSSEL, Bertrand. *Ensaio céticos*. Porto Alegre. L&PM Editores. 2010.

SOUSA, Edson. *Uma invenção da utopia*. São Paulo. Lumme Editor. 2007.

SUDBRACK, Maria, Pastor. **A voz do silêncio:** exclusão e diferença. In: JERUSALINSKY, Alfredo. *O valor simbólico do trabalho: e o sujeito contemporâneo*. Porto Alegre. Artes e ofícios. 2000.